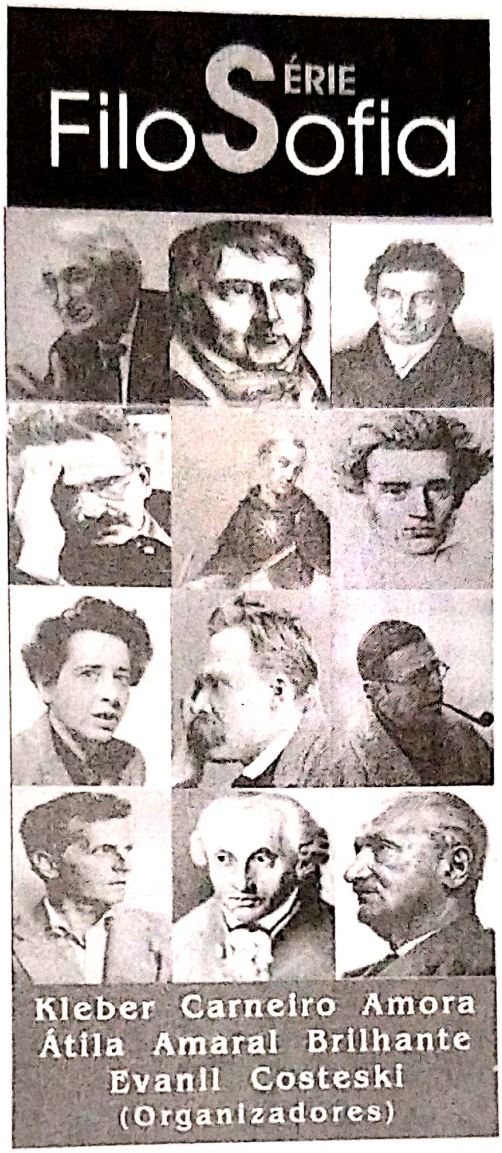

Extratos Filosóficos

10 anos do Curso de Pós-Graduação em Filosofia da UFC

EDIÇÕES
UFC
Fortaleza
2009

Extratos Filosóficos – 10 anos do Curso de Pós-Graduação em Filosofia da UFC
© 2009 Copyright by Kleber Carneiro Amora, Átila Amaral Brilhante, Evanildo Costeski (Organizadores)
Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Edições – UFC
Av. da Universidade, 2832 (Fundos) – Benfica – Fortaleza – Ceará
CEP: 60020-181 – Tel/Fax: (85) 3366.7766/3366.7499
Internet: www.editora.ufc.br – E-mail: editora@ufc.br

Divisão de Editoração

Coordenação Editorial
Moacir Ribeiro da Silva

Revisão de Texto
Autores

Normalização Bibliográfica
Perpétua Socorro Tavares Guimarães – Bibliotecária CRB 3 801/98

Capa
Érica Lima

Arte Final da Capa
Mariano Sousa

Programação Visual
Luiz Carlos Azevedo

Catalogação na Fonte
Bibliotecária Perpétua Socorro Tavares Guimarães CRB 3 801/98

Extratos Filosóficos: 10 anos do Curso de Pós-Graduação em Filosofia da UFC./ Kleber Carneiro Amora, Átila Amaral Brilhante, Evanildo Costeski [organizadores]. - Fortaleza: Edições UFC, 2009.

374 p.: il.

ISBN: 978-85-7282-352-4

(Edição comemorativa pelos dez anos do curso de pós-graduação em Filosofia da UFC)

1. Filosofia – artigos I. Amora, Kleber Carneiro II. Brilhante, Átila Amaral III. Costeski, Evanildo IV. Título

CDD: 100

Editora filiada à
Associação Brasileira das Editoras Universitárias

7

O PROJETO DE UMA *DOUTRINA DA CIÊNCIA* NO IDEALISMO ALEMÃO

*Marcos Fábio Alexandre Nicolau**

Sabe-se que a filosofia surgiu da pretensão de descer até os fundamentos da realidade, o que é constatado em seu iniciar com os pré-socráticos, os filósofos da natureza, em sua busca pelo fundamento primeiro, ou seja, daquilo que é inerente a tudo e a todos os seres, se fazendo presente em tudo. Tal pretensão faz da filosofia a ciência do princípio primeiro-último, isto é, do princípio que é comum a tudo.[1] Assim, a ciência filosófica é "a articulação da razão abrangente, onde todas as razões particulares encontram seu lugar."[2] Tal questão não é algo próprio do pensamento grego antigo, mas é uma questão basilar à própria filosofia, e é assim encarada pelos filósofos do idealismo alemão, que buscam dar-lhe solução em seus sistemas.

Em tal busca, os idealistas alemães atrelam a questão do começo diretamente à questão do método, pois para eles a filosofia não deveria renunciar ao conhecimento do absoluto. Projeto que somente poderia ser almejado a partir de uma articulação crítica da proposta metafísica de apreender o princípio absoluto e irrenunciável. Seus esforços serão no sentido de elaborar um método capaz

---

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Substituto do Curso de Filosofia da UFC. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação em Educação Brasileira FACED/UFC.

[1] Cf. BARNES, Jonathan. *Filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 14.

[2] OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Sobre a fundamentação*. Porto Alegre: Edipucrs, 1993, p. 11-12.

de libertar a argumentação filosófica de qualquer vínculo com instâncias não filosóficas, ou seja, com as metodologias próprias de outras ciências. Por isso, sua preocupação com o método próprio à reflexão filosófica terá ressaltada importância: os idealistas alemães arquitetarão o programa de um novo método para a filosofia, surgido assim da exigência de realizar o sistema filosófico a partir de um princípio fundamental tido como certo e indubitável. Ora, para tal, a filosofia exigia um método seguro e autônomo, ou seja, um método "infalível". Quanto a isso, a proposta será a de um método capaz de realizar a tarefa de chegar ao começo, ou seja, ao princípio não-condicionado que fundamente a filosofia partindo não de hipóteses fora dela, mas que seja capaz de fundamentar a si mesmo a partir dela mesma. Entenda-se tal pretensão como a exigência de uma autofundamentação reflexiva: o princípio buscado pelos idealistas deveria fundamentar a si mesmo porque seria o princípio do qual não se poderia abstrair sem ao mesmo tempo o pressupor.[3] A filosofia teria assim a tarefa de explicitar tal fundamento absoluto a partir do próprio tematizar de seu fundamento. Logo, é próprio da filosofia, como bem pretende Fichte, ser uma "doutrina da ciência". Esse projeto de Fichte, que desenvolve a filosofia a partir de um princípio absoluto, é compartilhado por Schelling e Hegel, que assumiram em seus sistemas a idéia da filosofia como ciência suprema dos princípios. E se encontramos diferenças entre seus sistemas, não dizem respeito à tarefa básica da filosofia, mas quanto à forma como essa tarefa deveria ser realizada. Tendo essa pretensão em vista, compreendemos o porquê de Hegel e seus contemporâneos tomarem essa preocupação do começo como tarefa inalienável de suas filosofias.

Para os filósofos do idealismo alemão, essa busca pelo primeiro-último incide em uma busca por sua fundamentação,

[3] Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969, p. 93.

por sua demonstração, ou seja, não cabe à filosofia tão-somente a proposição de um começo, mas apresentar sua autofundamentação como começo, questão essa de que depende a compreensão do próprio sistema hegeliano.

Assim, se mostra de providencial relevância que Hegel, no início da **Lógica**, ponha em discussão a questão do começo da filosofia. Nesse momento da obra, Hegel afirma que a filosofia, em seu início, sempre deu a esse começar a denominação de princípio. As mais diversas filosofias determinaram um princípio para, a partir dele, se constituir: assim foi, segundo Hegel, desde a água em Tales até o absoluto em Schelling. Cada um desses princípios se caracteriza como uma determinação pressuposta pelos filósofos na elaboração de seus sistemas, porém, se levantou desde Kant – que em sua revolução copernicana, baseada nas idéias de Hume[4], fez uma ferrenha crítica à tradição metafísica – a necessidade de justificar tais princípios: pois, afinal, quem determinou estes princípios a tal ponto de serem tidos como começo? Não seriam estes meras obras da subjetividade?[5]

[4] Pois em seu Tratado da Natureza Humana, Hume questiona: "Primeiro, por que razão declaramos *necessário* que algo cuja existência tenha se iniciado deveria ter uma causa? Segundo, por que concluímos que uma causa particular deve *necessariamente* ter tais efeitos e qual a natureza dessa *inferência* que fazemos de umas para às outras e da *crença* em que se baseia?", tais questões influenciaram fortemente Kant. HUME, David. *A Treatise of Human Nature – Being an attempt to introduce the experimental method of reasoning into moral subjects.* In: The Philosophical Works of David Hume – v. I. Edinburgh: Adam Black and William Tait and Charles Tait, 1825, p. 109.

[5] Diz Kant: "Com efeito, a própria experiência é uma forma de conhecimento que exige concurso do entendimento, cuja regra devo pressupor em mim antes de me serem dados os objetos, por conseqüência, *a priori*, e essa regra é expressa em conceitos *a priori*, pelos quais têm de se regular necessariamente todos os objetos da experiência e com os quais devem concordar. No tocante aos objetos, na medida em que são simplesmente pensados pela razão – e necessariamente – mas sem poderem (pelo menos tais como a razão os pensa) ser dados na experiência, todas as tentativas para os pensar (pois têm que poder ser pensados) serão, consequentemente, uma magnífica pedra de toque daquilo que consideramos ser a mudança de método na maneira de pensar, a saber, que só conhecemos *a priori* das coisas o que nós mesmos nelas pomos." KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: FCG, 2001. p. 46-47.

Fichte, Schelling e Hegel tinham uma consciência clara de que, com essa questão, é o próprio direito à existência do seu modo de filosofar que está em jogo, ou seja: com a resposta a esta questão cai ou se mantém a figura da filosofia que afirmavam como necessária, adequada e verdadeira; o princípio deveria então determinar já tudo aquilo que dele se segue, sob o risco de, se o princípio de uma filosofia for mal escolhido, esse sistema estar fadado ao descrédito e ser declarado impossível e absurdo. Por isso,

> Este esclarecimento do sistema traz consigo a exigência de uma reforma do método. Contra o procedimento tipicamente utilizado por Kant, ou seja, contra o método regressivo, surge a exigência de realizar um sistema filosófico progressivamente através da dedução de proposições (ou, simplesmente, construção de conceitos), a partir de um princípio fundamental tido como certo e indubitável. Este projeto será seguido à risca por Fichte e Schelling, e, no que diz respeito à pretensão de cientificidade do filosofar (concebida aqui como realização da Filosofia a partir de um método seguro) também por Hegel. Era preciso concentrar-se em um único elemento, não dispersar na pluralidade de princípios, e, a partir dessa base sólida, construir o edifício da ciência.[6]

Sabemos que Hegel começou a editar sua **Lógica** (1812) cerca de 25 anos após a segunda edição da **Crítica da Razão Pura** de Kant (1787), logo não poderia deixar de considerar também a falta de fundamentação desses princípios, pois se faz necessário trabalhar antes do princípio a sua justificação como começo, e erra quem só se preocupa com o princípio e não dá importância ao

[6] LUFT, Eduardo. *Problemas de método na filosofia de Fichte*. *Revista Veritas*, Porto Alegre, v. 47, n. 2, Jun. 2002, p. 223-235, p. 226.

começo justificado.[7] Tal erro foi cometido, na época de Hegel, por aqueles que se proporiam começar com o absoluto, porém sem realizar qualquer reflexão sobre este, prescindindo "do método e da lógica."[8]

A partir de Kant, a filosofia se constituiu como uma verdadeira crítica da razão, ou seja, uma busca pela validade dos procedimentos dessa razão, desenvolvida por meio de uma crítica radical da razão sobre si mesma. Tal filosofia crítica levou Fichte a ver a necessidade de um conhecimento transcendental que devia fundamentar a si mesmo, de forma que, em hipótese alguma, poderíamos dele abstrair sem sua imediata pressuposição. Por isso, a proposta fichteana é a de formular uma **Doutrina da Ciência**, um tratado sobre as leis imutáveis de todo saber, implícitas na própria razão, que não se restringiria ao mero levantamento de um princípio, mas no pensar mesmo da realidade em suas estruturas a partir desse princípio.[9]

Tal princípio é o fundamento de todo o saber, sendo ele mesmo o puro pensar, descrito por Fichte como um produzir, pois o puro pensar procede inteiramente imanente, a partir de si. Trata-se de reconduzir o diverso à unidade e, inversamente, compreender todo o diverso a partir dessa unidade. A **Doutrina da Ciência** compreende unidade e diversidade, fundamento e fundado, princípio e principiado, reciprocamente, na sua relação necessária,

---

[7] HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Ciencia de la Logica – tomo I.* Buenos Aires: Librarie Hachette, 1993, p. 87. Note-se que a questão do começo no sistema de Hegel assume um duplo sentido: por um lado se busca o início, o princípio de todas as coisas, ou seja, o fundamento de uma gênese lógico-histórica do ser, por outro a procura é a do começo do próprio sistema, da gênese lógico-histórica do próprio pensar em si mesmo, com sua capacidade de autovalidação e autoreconhecimento.

[8] HEGEL, 1993, p. 87.

[9] Nas palavras de Fichte: "Temos de procurar o princípio absolutamente primeiro, pura e simplesmente incondicionado, de todo saber humano. Esse princípio, se deve ser absolutamente primeiro, não se deixa provar nem determinar." FICHTE, Johann Gottlieb. *A Doutrina da Ciência de 1794 e outros escritos.* São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 43.

sendo o princípio da filosofia, isto é, o seu verdadeiro ponto de partida, o absoluto. Ele é unidade e verdade. Na consideração do absoluto, frisa Fichte, não está em questão "como se denomina esse ser, mas como se apreende e mantém interiormente. Denomine-se, ainda assim, (esse ser como) eu."[10] Basicamente, na filosofia de Fichte, se tomou como fundamento o Eu Absoluto, pois através de seu procedimento reflexivo, o filósofo intuiu o Eu como àquilo a que não se pode mais abstrair e que, logo, se autopõe como princípio último de todo saber. Pois o Eu não se pode pensar a si mesmo fora da identidade que é e que se sabe a si mesma e da realidade que é e se põe a si mesma[11], sendo ele o necessário e inevitável pressuposto que está implícito em todo pensamento.[12] O absoluto é o Eu – unidade absoluta – e é o Eu que se refere a si próprio – dualidade absoluta, Eu como sujeito e Eu como objeto[13], em ambos os casos, porém, Eu.

Assim, segundo Fichte, partindo do Eu absoluto como princípio primeiro-último, está a filosofia justificada como ciência suprema dos princípios, ou como ciência primeira, pois ao se autofundamentar acaba por dar o

[10] FICHTE, Johann Gottlieb. *Doutrina da Ciência de 1804*. apud ASMUTH, Christian. Começo e Forma da Filosofia – Reflexões sobre Fichte, Schelling e Hegel. In: *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra, n. 13. 1998, p. 55-70, p. 58.

[11] Nas palavras de Fichte: "o eu põe a si mesmo pura e simplesmente *porque* é. Ele se *põe* por seu mero ser e *é* por seu mero estar posto." FICHTE, 1980, p. 46.

[12] O princípio do Eu Absoluto é exposto de forma clara por Iber, em um artigo sobre o conceito de Eu em Fichte: Cf. IBER, Christian. O conceito de Eu em Fichte segundo os §§1-3 do Fundamento de toda Doutrina da Ciência de 1974/95. In: IBER, C. STOLZENBERG, J., FRANK, M. *A dialética do Eu e Não-Eu em Fichte e Schelling*. Fortaleza: Edições UFC, 2007. p. 21-45.

[13] O que marca a primeira expressão de identidade entre sujeito e objeto, que inspira todo o idealismo alemão: "Lembre-se que, em seus dias de juventude, Hegel compartilhara com Hölderlin e Schelling a aspiração de superar a dicotomia da filosofia crítica de Kant, em particular sua recusa da obtenção do conhecimento do absoluto ou da *coisa em si*." NICOLAU, Marcos Fabio Alexandre. *O movimento dialético na introdução ao sistema da ciência – o prefácio a Fenomenologia do Espírito*. In: CHAGAS, E. F.; UTZ, K.; OLIVEIRA, J. W. J. (Orgs.). *Comemoração aos 200 anos da "Fenomenologia do Espírito" de Hegel*. Fortaleza: Edições UFC, 2007. p. 127-144, p. 132.

suporte necessário à fundamentação dos axiomas das demais ciências:

> Nenhuma filosofia ultrapassa esse conhecimento; mas toda filosofia bem fundada deve remontar até ele e, desde que o faça, torna-se doutrina da ciência.[14]

Porém, Fichte toma o Eu Absoluto a partir de uma intuição intelectual[15], ou seja, como uma condição incondicionada de toda consciência, pois é co-presente e imediata a todo e qualquer pensamento. Já que o fundamento último de todo conhecimento deve ser explicado por uma doutrina da ciência, deve ter por base uma instância pré-reflexiva de certeza imediata que sustente a veracidade de todo e qualquer procedimento lógico inerente ao sistema. Assim, a intuição intelectual, em Fichte, representa este ponto limite da fundamentação do saber, limite interno à própria razão porque é pressuposto por ela.

Portanto, o Eu intui a si mesmo em sua autoconsciência e, por isso, deve ser considerado, segundo Fichte, o princípio primeiro-último buscado, pois tem sua certeza fundada tão somente em si, ou melhor, em uma intuição intelectual, da qual segue todo o desenvolvimento do sistema da ciência, sendo que tal sistema tem suas proposições como certas enquanto o princípio é ele mesmo intuitivamente certo.

Schelling assumirá em seu sistema a idéia de uma intuição intelectual como uma solução aceitável ao problema do começo, pois nela o absoluto e o conhecimento do absoluto coincidiriam e possibilitariam a

[14] FICHTE, 1980, p. 55.

[15] Diz Fichte: "Portanto – a inteligência intui a si mesma, meramente como inteligência, ou como inteligência pura, e essa auto-intuição consiste seu ser. Logo, caso possa eventualmente haver, ainda, outro modo de intuição, essa intuição será denominada, como razão, *intuição intelectual.*" FICHTE, Johann Gottlieb. *O Princípio da Doutrina da Ciência.* São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 45. Porém, tal assumir, por parte de Fichte, de uma intuição intelectual, não ocorre sem críticas e dificuldades, reconhecidas posteriormente até por ele mesmo, questão que não será tratada em nosso trabalho.

construção do edifício das ciências. Veremos que Schelling assume a intuição intelectual como sendo esse ato primeiro que permite o acesso ao absoluto de modo imediato e não sujeito à dúvida, através do qual podemos reconhecer sem mais que a estrutura lógica do pensamento e a estrutura ontológica que constitui as coisas são uma e a mesma, em que ser e pensamento são conhecidos como idênticos.

A proposta de Schelling ao começo da filosofia considera, segundo Vieira[16], três elementos básicos em seu processo: (1) a dialética, tida como uma verdadeira lógica da verdade, pois por meio dela o incondicionado é apresentado como pressuposto necessário do condicionado, incondicionado esse que é desvelado por uma (2) intuição intelectual, que trata de uma experiência imediata do absolutamente imediato, ou seja, ela é uma autocontemplação intelectual, o conhecimento de uma razão finita acerca de si mesma enquanto sendo originariamente uma pura e absoluta espontaneidade de pôr a si mesma, excludente de toda relação com a alteridade, de onde provém a questão da (3) liberdade, pois o começo do sistema do saber é fundado pelo princípio de liberdade incondicionada, já que o exercício da intuição intelectual está estreitamente vinculado ao nível de consciência da liberdade alcançado e realizado por cada ser humano. Processo esse que marca um verdadeiro retrocesso transcendental às condições do possível, buscando chegar ao ser original, ao absoluto.

Para tal, Schelling primeiramente reconhece em Fichte uma possível solução a esse problema[17], próprio

[16] Cf. VIEIRA, Leonardo. *Liberdade, dialética e intuição intelectual.* In: BRITO, E. F. de; CHANG, L. H. (Orgs.). *Filosofia e método.* São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 19-62, p. 29-37.

[17] "Afirmamos que ele se sentia, neste meio tempo (1794-1801), fortemente submetido a influencia de Fichte e que, todavia, a sua idéia filosófica fundamental lutava contra a camisa-de-força terminológica e intelectual da Doutrina da Ciência." FRANK, Manfred. *Da Doutrina da Ciência ao Sistema Transcendental.* In: IBER; STOLZENBERG; FRANK, 2007, p. 75-121, p. 75.

da reflexão filosófica, a saber, o da impossibilidade de fundamentar uma ciência sem um primeiro princípio, que deve ser incondicionado de maneira tal que todas as demais proposições da ciência dele devem derivar. Assim reconhece inicialmente o Eu de Fichte como sendo esse primeiro princípio. Porém, embora reconheça que a tarefa da filosofia, que é conhecer o absoluto, seja possível mediante uma intuição intelectual, Schelling passou a insistir na idéia de que a natureza é tão real quanto o Eu, marcando assim seu rompimento com Fichte, o que é relatado por Frank: "Schelling pensou cedo em questionar o Eu como princípio da Filosofia, e, no mais tardar em torno de 1800, transitou para a posição de renunciar à redução (de tudo) ao Eu."[18]

Em sua **Exposição do meu Sistema**, publicada em 1801, expõe uma solução totalmente diferente para a questão do começo. Schelling começa aqui com um esclarecimento, denominando "a razão (como) razão absoluta, ou a razão, na medida em que é pensada como a indiferença total do subjetivo e do objetivo."[19] Para Schelling, o subjetivo corresponderia ao Eu e o objetivo à Natureza, mas, no saber, ambos estariam unidos, o que gera uma necessidade de explicação dessa identidade. Isso, metodologicamente falando, nos abre duas

[18] FRANK, 2007, p. 76. O que é descrito pelo próprio Schelling da seguinte maneira: "A filosofia de Fichte, que foi a primeira a fazer valer outra vez a forma universal da sujeito-objetividade como o uno e o todo da filosofia, pareceu, quanto mais se desenvolvia, tanto mais limitar essa própria identidade, outra vez, como uma particularidade, à consciência subjetiva, mas absolutamente e em si tomá-la como objeto de sua *tarefa* infinita, de uma exigência absoluta, e, dessa maneira, depois da extração de toda substância da especulação, deixá-la para trás como um resíduo vazio e, em contrapartida, como a doutrina kantiana, ligar a absolutez, pelo agir e pela crença, novamente a mais profunda subjetividade." SCHELLING, Friedrich Joseph (von). *Exposição da idéia universal da filosofia em geral e da filosofia-da-natureza como parte integrante da primeira.* São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 223.

[19] SCHELLING, Friedrich Joseph (von). Presentation of my system of philosophy (1801). In: *The Philosophical Forum.* v. XXXII. N. 4. Inverno 2001, p. 339-371, p. 349.

possibilidades, dando lugar a dois tipos de filosofias: a primeira é a de colocar o objetivo como ponto de partida, para, a partir dele, explicarmos como coincide com o subjetivo – se optássemos por essa possibilidade delinearíamos uma filosofia da natureza; na segunda possibilidade, colocaríamos o subjetivo, o Eu, em primeiro lugar e explicaríamos a partir daí sua identidade com o objetivo, ou seja, a natureza – dessa forma delinearíamos a tarefa de uma filosofia transcendental.[20] Porém, o sistema schellinguiano só é tal por considerar o caráter dialético desses dois tipos de filosofia, fundidos por uma identidade absoluta.[21]

Assim, segundo Schelling, resulta o conhecimento incondicionado da identidade absoluta um saber que, em função de seu caráter absoluto, tem de reivindicar para si o caráter de incondicionado. O fundamento do sistema está lançado: conhecimento incondicionado da identidade absoluta. Este é o princípio do sistema.[22]

Esse saber primeiro seria a autoconsciência, que não precisa de explicação porque se conhece por uma intuição direta. A autoconsciência é o ato primeiro, do qual surge o próprio conceito de Eu. Esse saber primeiro seria absolutamente livre, já que é um intuir, e seu objeto não seria algo independente dele, senão ele mesmo. O desenvolver até essa identidade se realiza através de uma intuição intelectual. Essa intuição é o saber do Eu sobre si mesmo, que origina o próprio Eu como objeto de si mesmo.

---

[20] Cf. WATSON, John. *Schelling's transcendental idealism – A critical exposition.* Chicago: S. C. Griggs and Company, 1882, p. 100.

[21] "A filosofia é a ciência do Absoluto, mas, como o Absoluto em seu agir eterno compreende necessariamente, como um só, dois lados, um real e um ideal, a filosofia, considerada do lado da forma, tem necessariamente de dividir-se segundo dois lados, embora sua essência consista justamente em ver ambos os lados como um só no absoluto ato-de-conhecimento." SCHELLING, 1973, p. 220.

[22] O sistema começa, assim, na Apresentação, somente com o § 7: "a série dos princípios anteriores foi adiantada apenas para demonstrar o caráter incondicionado desse conhecimento. Pois este conhecimento não é, ele mesmo, propriamente demonstrado, precisamente porque é incondicionado." SCHELLING, 2001, p. 351.

Esse Eu Absoluto está fora do tempo, é um eterno devir, um infinito produzir, de forma que tal princípio último funda simultaneamente tanto a filosofia prática quanto a filosofia teórica – pois é prático porque é necessário, e é teórico porque exige uma construção subjetiva. Assim a intuição intelectual assume a função de começo do projeto sistemático da filosofia.[23]

Essa intuição não pode, portanto, ser demonstrada, mas apenas reivindicada: o Eu é, ele mesmo, apenas essa intuição; portanto enquanto princípio da filosofia, o Eu é apenas algo que é postulado.[24]

Portanto, tanto em Fichte quanto em Schelling, o princípio deve satisfazer os requisitos de unidade, imanência e capacidade de gerar um sistema. Em outras palavras, o diverso deve ser descoberto como uno, no múltiplo deve se evidenciar o uno como fundamento e, ao mesmo tempo, o diverso deve ser derivado desse uno. Tais exigências não poderão ser negligenciadas por Hegel, pois toda filosofia verdadeira deve possuir a exigência de imediaticidade, ou seja, aquilo com que o começo deve ser feito não pode ser, ele mesmo, nada de mediado, não pode ser derivado de algo de diverso. O mesmo se aplica à exigência de unidade: o começo não pode ser constituído por partes. E, ao mesmo tempo, o começo tem de ser justificado. De outro modo surgiria a questão sobre de onde vem o conhecimento do começo. E uma propedêutica receberia então significado constitutivo para a filosofia como ciência. Forma e conteúdo da ciência decompor-se-iam.

Porém, ainda que considere válidas as exigências dessas filosofias, Hegel criticará esse "intuicionismo

[23] Como expõe Frank: "O que visa a intuição intelectual é a simples idéia, a qual carece de realidade objetiva. Seu status é, antes de tudo, nenhum outro que o de um padrão de medida ou fio condutor para a construção que se deve, antes de tudo, executar. A intuição intelectual antecipa o acabamento de um prédio especulativo, mas ela mesma não é ainda este final." FRANK, 2007, p. 98-99.
[24] Cf. FRANK, 2007, p. 98.

metafísico"[25], com o qual se consegue dar uma explicação e um desdobramento do absoluto, mas não se consegue apresentar a comprovação da passagem do absoluto como indiferença simples à multiplicidade do mundo.

Em desacordo como essa concepção, Hegel desenvolve sua própria compreensão do absoluto, como o resultado de um processo dialético de mediação e autodiferenciação. O absoluto não pode ser encontrado na apreensão imediata de alguma unidade primordial, mas apenas no fim de um processo pelo qual essa unidade imediata é negada e reflexivamente diferenciada antes de ser restaurada na identidade, pois na **Fenomenologia do Espírito**, assim como na **Ciência da Lógica**, a idéia geral que emerge é a de que o ser não está dado, mas que ele é o que se faz a si mesmo.[26]

E como "refutar é mais fácil do que justificar", como diz Hegel em sua **Introdução à História da Filosofia**[27], o esforço deve ser o de estabelecer um começo justificado, um princípio que deve ser união de método e conteúdo, um princípio que deve estar unido também à forma. Hegel assume a busca por erigir um fundamento primeiro e é essa característica, própria de um idealismo, que converte a **Ciência da Lógica** numa verdadeira Doutrina da Ciência.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

---

[25] Hegel critica o princípio da intuição intelectual nas Lições sobre a História da Filosofia, onde expõe que "quando se filosofa que é deste modo, pretende-se que foi demonstrado. Mas se se começa com a intuição intelectual, então a asserção é um oráculo que se deve acatar, porque é feita a exigência de que se intua intelectualmente." HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Lectures on the History of Philosophy – Vol. III*. Londres: Kegan Paul, Trensch, Trubner & Co., LTDA, 1892, p. 526.

[26] Cf. TIMMERMANS, Benoît. *Hegel*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 76.

[27] HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Introdução à História da Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p. 351.

BARNES, J. *Filósofos pré-socráticos*. Tradução de Júlio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIEIRA, Leonardo. Liberdade, dialética e intuição intelectual. In: BRITO, E. F. de; CHANG, L. H. (Orgs.). *Filosofia e método*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 19-62, p. 29-37.

NICOLAU, M. F. A. *O movimento dialético na introdução ao sistema da ciência – O prefácio a Fenomenologia do Espírito*. CHAGAS, E. F.; UTZ, K.; OLIVEIRA, J. W. J. (Orgs.). *Comemoração aos 200 anos da "Fenomenologia do Espírito" de Hegel*. Fortaleza: Edições UFC, 2007. p. 127-144.

_____. *A Filosofia em Busca de uma Fundamentação Última: Hegel e o Problema de um Começo Absoluto*. In: CHAGAS, E. F. NICOLAU, M. F. A. OLIVEIRA, R. A. (Orgs.). *Reflexões sobre a fenomenologia do espírito de Hegel*. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 27-41.

FICHTE, J. G. A *Doutrina da Ciência de 1794 e outros escritos*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. *Doutrina da Ciência de 1804*. ASMUTH, C. Começo e forma da filosofia – reflexões sobre Fichte, Schelling e Hegel. Tradução de Diogo Ferrer. *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra, n. 13. 1998, p. 55-70.

_____. *O Princípio da Doutrina da Ciência*. In: FICHTE, J. G.; SCHELLING, F. J. W. *Escritos filosóficos*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

HEGEL, G. W. F. *Ciencia de la Logica – tomo I*. 2 v. 6. ed. Tradução de Augusta e Rodolfo Modolfo. Buenos Aires: Librarie Hachette, 1993

_____. *Lectures on the History of Philosophy* – v. 3. Tradução inglesa de E. S. Haldane. Londres: Kegan Paul, Trensch, Trubner & Co., LTDA, 1892.

_____. *Introdução à história da Filosofia.* Tradução de Joaquim Nabuco. São Paulo: Abril Cultural, 1974

HUME, D. *A Treatise of Human Nature – Being an attempt to introduce the experimental method of reasoning into moral subjects.* In: The Philosophical Works of David Hume – v. I. Edinburgh: Adam Black and William Tait and Charles Tait, 1825.

IBER, C. STOLZENBERG, J.; FRANK, M. *A dialética do Eu e Não-Eu em Fichte e Schelling.* Tradução e organização de Kleber Carneiro Amora. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura.* 5. ed. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: FCG, 2001.

LUFT, E. *Problemas de método na filosofia de Fichte. Revista Veritas,* Porto Alegre, v. 47, n. 2, Jun. 2002, p. 223-235.

OLIVEIRA, M. A. de. *Sobre a fundamentação.* Porto Alegre: Edipucrs, 1993.

SCHELLING, F. J. W. Exposição da idéia universal da filosofia em geral e da filosofia-da-natureza como parte integrante da primeira. In: FICHTE, J. G.; SCHELLING, F. J. W. *Escritos Filosóficos.* Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. Presentation of my system of philosophy (1801). Tradução inglesa de Michael G. Vater. *The Philosophical Forum.* v. XXXII. N. 4. Inverno 2001, p. 339-371

TIMMERMANS, B. *Hegel.* Tradução de Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

WATSON, J. *Schelling's transcendental idealism* – A critical exposition. Chicago: S. C. Griggs and Company, 1882.